

“Viagem ao paraíso” – “Viagem ao inferno”: A trajetória de *outsiders* de Mecklenburg-Schwerin no Rio Grande do Sul.

Caroline von Mühlen^{1*}

UNISINOS – PROSUP-Capes

Resumo: O objeto de estudo é o relatório produzido pelo Estado Alemão de Mecklenburg-Schwerin, referente à prisão de dois desertores do Exército Imperial brasileiro. Tal documento traz à tona informações acerca da trajetória de alguns presidiários degredados para o Brasil, a partir de 1824. A historiografia, ao longo dos anos procurou ocultar essa parte da história, uma vez que a imagem do bom imigrante e da boa imigração foi idealizada. No entanto, a documentação mostra-nos além da dura realidade encontrada pelos alemães, os mais variados “tipos” de imigrantes presentes na nova terra. Na realidade eram *outsiders*, para usar o conceito de Norbert Elias. O relatório, resultante da inquirição dos ex-presidiários e ex-soldados do exército imperial brasileiro retornados a Mecklenburg é uma importante fonte documental que permite o estudo das relações internacionais e políticas entre estados alemães e o Brasil.

Palavras-chave: *Outsiders*, Degredados de Mecklenburg-Schwerin, Trajetórias.

“...notícias a respeito do destino das pessoas emigradas dali e de Doemitz para o Brasil...”²

A presente comunicação é parte da minha dissertação de mestrado, no qual o objetivo é acompanhar a trajetória dos ex-presidiários de Mecklenburg-Schwerin³, enviados para o Rio Grande do Sul, a partir de 1824, na qualidade de “colonos”, e verificar a “idéia-força”, elencada por diversos autores, de que “sumiram da história”. De fato, a intenção da historiografia sobre a imigração alemã e os *outsiders*⁴ alemães que se tornaram estabelecidos era ocultar essa parte da história. Concordamos com Hunsche quando diz que,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História (UNISINOS) e Bolsista PROSUP-Capes.

² Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin. Kabinett I, p.5.

³ Para o estudo dos degredados de Mecklenburg-Schwerin, utilizo a documentação existente em cópia no arquivo do Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). As fontes pesquisadas são: 1) Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). Mecklenburg Geheimes und Haupt – Archiv Schwerin. MLHA Schwerin. Kabinett I. Vol 3°. Rückwert: Brasilien, 1824(2), 1825(2), 1826, [1828]; 2) Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin. Kabinett I, Sig. 54: Acta, die Zweite Abführung von Stock – und Zuchthausgefangenen nach Brasilien betreffend; 3) Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin Kabinett I. Vol 3°. Acta, die erste Abführung von Landarbeitshäusern nach Brasilien betreffend; 4) Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin. Kabinett I e 5) Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin. Kabinett I. Acta, Abführung von Sträflingen und Vagabunden aus Dömnitz, Bützow und Güstrow nach Brasilien durch Rittmeister Hanfft, betreffend.

⁴ Utilizo o termo *outsiders*, porque parto do pressuposto de que os degredados de Mecklenburg eram excluídos, tanto no Estado Alemão, enquanto prisioneiros e no Brasil, enquanto soldados e/ou colonos. Elias define

Os autores, apesar do pouco que conhecem, tratam do assunto como sendo um caso tão horrível que alguns deles afirmam, aparentemente para salvar a dignidade da imigração alemã, que o mesmo não pode ser verdadeiro e recorrem, então à palavra *lenda*⁵.

A vida desses imigrantes na nova terra estava muita distante daquilo que imaginavam encontrar. Porém, não podemos generalizar a situação. Partimos da hipótese de que dos imigrantes instalados no Rio Grande do Sul, uma parcela deve ter prosperado e outra, sem a mesma sorte, infelizmente se entregou ao alcoolismo, prostituição, vadiagem – conforme já apontava Oberacker Jr.⁶. A documentação primária, acerca dos presídios e presidiários de Mecklenburg-Schwerin, permite-nos constatar os mais variados tipos de imigrantes presentes na colônia alemã.

O Brasil, em 1824, era um país recém independente e a situação política se mostrava indefinida. Nesse contexto, surge a necessidade de angariar colonos para povoar a terra e soldados para defender as fronteiras, bem como fortalecer a posição política e militar brasileira.

A partir da vinda da Corte portuguesa para a América do Sul, em 1808, verifica-se uma política de estabelecimento de colônias agrícolas no Brasil. D. João, no mesmo ano,

estabelecido, como aquele grupo que se considera superior, “bom” e melhor em relação aos outros. Por *outsiders*, o autor qualifica aquele grupo inferior e ruim, isto é, identificado como intrusos, ou através do pronome eles. Na relação estabelecidos-*outsiders*, os segundos são vistos como “os de fora”, ou seja, aquelas pessoas que não conseguiram se assimilar ou se inserir no grupo. Portanto, as discussões levantadas por Elias e Scotson, é um importante referencial para o estudo dos degredados de Mecklenburg. Ver também PERROT, Michèle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 4ª Edição. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

⁵ HUNSCHÉ, Carlos H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. 2ª Edição rev. e ampliada. Porto Alegre: A Nação, 1975, p. 62. Por muito tempo a historiografia procurou tirar esses ex-presidiários da história da imigração alemã. A expressão “lenda dos Imigrantes de Mecklenburg”, possivelmente tenha surgido de Theodor Amstad e Arno Philipp, autores do livro *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul*, publicado, em 1924, em língua alemã e traduzido por Arthur Blásio Rambo, sendo a tradução publicada em 1999. Amstad e Philipp, baseados em informações de terceiros, transmitem a notícia de que teriam chegado ao Rio Grande do Sul “apenados de Mecklenburg”, antes de 1824. Parte destes, reunidos em bandos de ladrões teriam assaltado residências e igrejas. De acordo com a lenda, teria sido encontrado em Estância Velha um tesouro, enterrado por esses ladrões. A lenda dos mecklenburgueses persistiu ao longo das décadas, sendo utilizada por outros autores, com o intuito de desclassificar os ex-presidiários provenientes de Mecklenburg. Na realidade, se quis esquecer e ocultar a presença de “maus elementos”, conforme Hunsche, dizendo que “desapareceram”, diante da necessidade de organização da colônia e da construção de uma identidade étnica alemã, onde prevaleciam os qualificativos de imigrante “trabalhador”, “bondoso” e “honrado”, isto é, precisava-se “salvar a dignidade” da imigração alemã; a exceção é aquele que não quer trabalhar.

⁶ Ver OBERACKER JR., Carlos H. Jorge Antônio von Schaeffer: criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

promulgou dois decretos: o primeiro permitia a concessão de sesmarias a estrangeiros e a vinda de casais de açorianos para o sul; o segundo, de 18 de maio de 1818, aprovava a criação de Nova Friburgo, colonizada com casais de suíços. Essas tentativas iniciais não corresponderam às expectativas do governo. Por isso, o governo passou a investir na região sulina, especialmente nas regiões de São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara das Torres – primeiras colônias fundadas no Rio Grande do Sul.

O decreto de 8 de janeiro de 1823, permitiu a criação de um regimento de estrangeiros com os colonos suíços de Nova Friburgo. Além desses, no entanto, o Brasil necessitava de mais soldados. Nesse contexto, o Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin foi o primeiro Estado Alemão a reconhecer a independência do Brasil, enviando para aí as primeiras pessoas.

Em 1828, foi produzido um relatório pelo Estado Alemão de Mecklenburg-Schwerin, referente à prisão de dois desertores do Exército Imperial brasileiro, Johann Friedrich Sichtling e L. H. Günther⁷. Tal documento traz à tona algumas informações acerca da trajetória de presidiários degredados para o Brasil, a partir de 1824, por incumbência do Major Jorge Antônio von Schaeffer.

Utilizando a documentação como base e cruzando-a com o estudo genealógico feito por Hunsche⁸, é possível obter algumas informações da trajetória dos *outsiders* enviados para o Rio Grande do Sul, ou seja, dos “colonos”. Por seu turno, Juvencio Saldanha Lemos⁹, traz em seu livro *Os Mercenários do Imperador: a primeira corrente imigratória alemã no Brasil*, lista nominativa dos imigrantes admitidos como soldados no exército imperial.

⁷ Sichtling e Günther eram ex-presidiários de Mecklenburg e ex-soldados no Rio de Janeiro, que, após permanecer no Brasil por dois anos e três meses, desertaram e retornaram à Alemanha, via Bélgica, sendo capturados pela polícia de Mecklenburg e submetidos a interrogatório, a 18 de setembro de 1828. “Joh. Friedr. Sichtling ist der gegenwärtige Deponent; er hat zu Folge seiner, bei den Acten befindlichen Vernehmung, 2¼ Jahr im 2^{ten} Grenadier Bataillon zu Rio de Janeiro gedient, und ist im Monat Novb. 1826 desertiert”. (NETb. MLHA Schwerin. Kabinett I. p. 9)

“J. H. D. Günther, ist der gegenwärtige Deponent, welcher zu Folge seiner heutigen Vernehmung beim Grenadier Bataillon angestellt gewesen, darin 2¼ Jahr gedient hat, und hiernächst seine Zuflucht nach den hiesigen Landen wieder genommen”. (NETb. MLHA Schwerin. Kabinett I. p. 13)

⁸ Hunsche apresenta coleção de cinco livros, abordando os períodos de 1824, 1825, 1826 e 1827-1830, trazendo informações dos primeiros imigrantes.

⁹ LEMOS, Juvencio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1930)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993, 482p.

A registratura de *Güstrow im Landarbeithause der 12 Septber. 1828*¹⁰, é um documento acerca do relato do destino das pessoas enviadas para o Brasil, degredadas das Casas de Correção de Güstrow, Dömitz e Bützow, entre 1824 e 1825.

Conforme consta na documentação, a finalidade do interrogatório era

[...] obter, tanto quanto possível, informações acerca do destino dos colonos emigrados daqui, bem como de Dömitz e Bützow, no ano de 1824 e 1825 para o Brasil, foram interrogados, detalhadamente, os dois trabalhadores Günther e Sichtling, que se encontram no momento, nesta instituição, os quais retornaram do Brasil após estada de mais de dois anos ali.¹¹

Entretanto, “foram passados com eles as listas postas, nominalmente”, e os depoentes informaram aos policiais o destino dos “colonos emigrados, no ano de 1824, de Güstrow”, “referente às pessoas de Güstrow vindas para as colônias em 1825” e “sobre os detentos vindos de Dömitz no dia 6.12.1824 para o Brasil”¹².

Foram identificados 178 imigrantes, entre “avulsos” e famílias, porém, destes 178, de acordo com os depoentes, 57 foram admitidos como soldados no Rio de Janeiro; 94 enviados para o Rio Grande do Sul como colonos. De 27 não souberam dar informações, isto é, até o momento da deserção não sabiam se essas pessoas eram soldados, diaristas ou possuíam uma colônia própria.

Muitos dos “avulsos” mandados para o Rio Grande do Sul, sob o rótulo de colono, encontraram inúmeras dificuldades e sofreram por causa de abandono. São diversos os casos de bebedeira e outros vícios. De acordo com Emílio Willems, “entre os fatores patogênicos, o alcoolismo tem exercido, desde os começos da colonização alemã, influências seletivas de não pouca importância. ‘O abuso da aguardente é o rochedo em que grande número de europeus no Brasil, mormente alemães, naufragou. Verdade é que a sua maioria pertence às

¹⁰ NETb. MLHA Schwerin. Kabinett I. p. 6. Tradução: Güstrow, na Casa de Correção Rural, 12 de setembro de 1828. No dia 6 de dezembro de 1828, é terminado o interrogatório. No dia 10 do mesmo mês e ano, de Schwerin, é enviada a registratura para o Grão-Duque, conforme atesta a documentação, “De acordo com a mais graciosa ordem de Vossa Alteza Real, de 6 do corrente mês, os subscritos enviam cópia do registro apresentado pela comissão Dirigente da Casa de Correção Rural e que contém algumas notícias a respeito do destino das pessoas emigradas dali e de Doemitz para o Brasil, e permanecem no mais profundo temor. Schwerin, 10 de dezembro de 1828. Mui submissos-fieis-obedientes.” (Idem, p. 5) No final da página consta a data de recebimento do registro, dia 18 de dezembro de 1828.

¹¹ Um über das Schicksal der von hier, so wie von Dömitz und Bützow im Jahr 1824 und 1825 nach Brasilien ausgewanderten Colonisten, so weit als möglich in Kenntnis gesetzt zu werden, sind darüber die gegenwärtig in der hiesigen Anstalt befindlichen beiden Arbeiter Günther und Sichtling, welche von Brasilien nach einem mehr als zweijährigen dortigen Aufenthalt, wieder zurückgekehrt sind, näher vernommen worden. (Idem, p. 6)

¹² NETb. MLHA Schwerin. Kabinett I. p.6.

classes operárias, mas há também muitas vítimas do alcoolismo entre as classes mais educadas”¹³. Quando o autor ressalta o alcoolismo entre as classes mais educadas, como exemplo, podemos citar o próprio Major Jorge Antônio von Schaeffer. Os qualificativos de ex-oficial da guarda imperial, idade avançada, o fato de ser estrangeiro, ou seja, a marginalização e a tendência depressiva, levaram-no a procurar a fuga na bebedeira¹⁴ perecendo miseravelmente como milhares de imigrantes alemães.

Alguns exemplos podem ser citados: 1) Johann Hackert veio com sua esposa e sua criança. Foi empregado, a pedido, no serviço militar, e residia no Quartel no Rio de Janeiro ainda quando nós de lá partimos. Sua esposa têm junto ao quartel um comercio com gêneros alimentícios e bebida e esta muito bem, vive no entanto, em constantes brigas com seu marido; principalmente porque quer separar seu marido da bebida.¹⁵ 2) Johann Kursch foi incorporado ao 3º Batalhão de Granadeiros, mas perdeu a vida após 4 semanas; pois em sua bebedeira os negros lhe haviam roubado as roupas e, depois o haviam jogado em um poço, do qual se o retirou morto.¹⁶ A situação só vem a piorar após 1831, quando os batalhões do exército imperial são dissolvidos e os soldados largados a sua própria sorte. Muitos destes radicaram-se no Rio Grande do Sul. Conforme Lemos, “morreram todos miseravelmente, ou então levaram uma vida triste e cheia de privações¹⁷”.

É pertinente levar em consideração que nem todos os “avulsos”; aportados no Rio Grande do Sul pereceram miseravelmente. Vários são os exemplos de mecklenburgueses que conseguiram prosperar, adquirindo um lote ou uma colônia para produção de alimentos. Peter Frehse era jardineiro e ganhou terras de um seleiro. Segundo Hunsche,

número 119 (1824 III 74) Solteiro, chegado a São Leopoldo em 6/11/1824, passageiro da sumaca Delfina e do veleiro transatlântico Carolina. Jardineiro, evangélico, nascido em Mecklenburg, faleceu, 1834. Assinou Christian Frehse a queixa contra Ehlers e, na petição, figura com 3 cruces, como se não soubesse assinar¹⁸.

¹³ WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p.96

¹⁴ SCHÄFER, Georg Anton von. *O Brasil como império independente: analisado sob os aspectos históricos, mercantilístico e político*. Tradução, apresentação, notas e edição de Arthur Bl. Rambo. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 25.

¹⁵ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 8 (tradução do original).

¹⁶ Idem, p. 8 (tradução do original).

¹⁷ LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1930)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993, p. 419.

¹⁸ HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. Província de São Pedro. 2ª edição. Verificada e ampliada. Porto Alegre: A Nação, 1975, p. 227

Outro exemplo, a ser citado é Friedrich Voss, provavelmente

Frederico Carlos Voss (1824/25 Missões 62) solteiro, cruzou o Atlântico na “Galera Hamburguesa Georg Friedrich” (1ª viagem), chegou ao RJ em 11/10/1824, seguiu viagem pela sumaca “Delfina” (1ª viagem) para Porto Alegre, onde chegou na segunda metade de novembro de 1824. Não foi levado a São Leopoldo, como ordenado originalmente (Aviso, 23/10/1824), mas seguiram em 26/11/1824, sob o comando do capitão Alexandre José Bernardes, para a nova colônia a ser fundada em São João das Missões, onde chegou só em 6/1/1825. A. Porto, p. 85-89: descrição da “terrível odisséia”. Por ser letrado e ter conhecimentos de agrimensor, Voss foi nomeado “piloto” pela Câmara de Santo Antônio da Patrulha para medir as terras ao redor de Torres para os colonos alemães. Voss, portanto, voltou das Missões e se estabeleceu em São Leopoldo, mas só depois de sua atuação como agrimensor em Torres, especialmente, em Três Forquilhas. Nos anos trinta, encontramos-lo como testemunha e escrevente no juizado da “Capela curada de São Leopoldo”¹⁹.

Além disso, nem todos eram “avulsos”. Vieram para o Rio Grande do Sul algumas famílias, com pai, mãe e filhos, e estes na sua totalidade receberam lotes de terras ou trabalhavam como diaristas. A esposa Schulz estava grávida quando saiu do estado alemão. O parto ocorreu no Rio de Janeiro, mas durante a travessia, as pessoas que estavam a bordo se ofereceram para serem padrinhos da criança. Os pais receberam presentes de alto valor. Assim que chegaram ao Brasil, venderam os presentes e conseguiram comprar uma nova colônia. De acordo com Hunsche, porém,

Frederico Guilherme Schulze (1824/25 Missões 51/55) A família cruzou o Atlântico na “Galera Hamburguesa Georg Friedrich” (1ª viagem), chegou ao RJ em 11/10/1824, seguiu viagem pela sumaca “Delfina” (1ª viagem) para Porto Alegre, onde chegou na segunda metade de novembro de 1824. Não foi levado a São Leopoldo, como ordenado originalmente (Aviso, 23/10/1824), mas seguiram em 26/11/1824, sob o comando do capitão Alexandre Jose Bernardes, para a nova colônia a ser fundada em São João das Missões, onde chegou só em 6/1/1825 (A. Porto, p. 85-89: descrição da “terrível odisséia”). Desconhecemos mais pormenores sobre esta família, composta de Frederico Guilherme Schulze, sua mulher Sofia (de terceira núpcias) e de 4 filhos – imigrantes: Sofia, Dorotéia, Frederico e Cristiano Frederico Schulze. Sofia é da 1ª mulher; Dorotéia e Frederico Guilherme da 2ª esposa e Cristiano Frederico da 3ª²⁰.

¹⁹ HUNSCHE, Carlos H. *O ano de 1826 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977, p.587.

²⁰ HUNSCHE, Carlos H. *O ano de 1826 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977, p. 574.

A documentação registra os “tipos” de imigrantes que não serviram como soldados no exército imperial. Foram dispensados e enviados para o Rio Grande do Sul: 1) Christian Hein: veio como soldado, mas devido uma hérnia e por estar fraco foi mandado para a colônia²¹ de São Leopoldo, e posteriormente, levado para nova colônia em São João das Missões, em 6/1/1825. 2) Johann Breitenfeld: não pôde ser aproveitado como soldado, principalmente por causa de um defeito no braço, e foi enviado para, a varias vezes, mencionada colônia como diarista.²² 3) Joachim Christian Haack e esposa: O Haack era coxo, por causa de fratura anterior na perna, e, por isso, não se prestava para o exército. Após seu desembarque foram levados para a Fortaleza Amerson²³, ali permaneceram quatro semanas, e após foram para a Colônia Rio Grande²⁴.

No livro *Dez anos no Brasil* o autor Carl Seidler – viajante que ficou durante dez anos no Brasil – faz uma descrição de como foi sua travessia, seu dia-a-dia como soldado no Rio de Janeiro, sua vinda para o Rio Grande do Sul como soldado, seu contato com os grupos já estabelecidos, com os alemães, bem como características da região sulina. Quando fala da colonização dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Seidler pondera que

[...]a essa classe de gente pertencem pouquíssimos pais de família, são principalmente *jovens, solteiros*, sem ofício, que sem objetivo definido se engajaram à aventura como colono. A maior parte deles logo que chegaram ao Rio num desses navios de transporte de escravos eram forçados a acompanhar ‘esses couros’, embora os pobres iludidos tivessem tido do Major Von Schäffer dez vezes a promessa de serem incontinenti levados para a colônia; havia entre eles muitos *sujeitos incapazes para o serviço militar*, os quais eram realmente expedidos como colonos para Porto Alegre. [...] Tais homens, alguns desabituaados de manejar a pá e o machado, outros demasiado preguiçosos, era impossível que pudessem manter-se; tinham que tornar-se carga de seus patrícios operosos e *tornaram-se uma verdadeira peste na colônia*. Já os *pais de família*, a quem os cuidados por mulheres e filhos induziam à ordem e à reflexão, *arranjavam-se geralmente*, se bem que chegassem quase inteiramente sem dinheiro, e com os favores que o governo lhes concedia em breve estavam bem²⁵.

²¹ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 7.

²² NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 8.

²³ N.dT. Armação. Trata-se da Fortaleza onde imigrantes ficavam alojados. NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 14.

²⁴ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 14.

²⁵ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 168. (Grifo meu)

A citação de Seidler vai ao encontro das informações contidas na documentação, citada anteriormente, de que os “avulsos” tiveram uma certa dificuldade de adaptação na colônia, sendo facilmente levados pelo desespero e pelo vício, enquanto que, as famílias estavam mais propensas a obter “sucesso” na nova terra.

Além de “avulsos”, famílias, soldados, colonos, podemos citar alguns exemplos de imigrantes que desejavam muito voltar para a sua terra de origem. Heinrich Kruse possuía uma colônia própria, mas vendeu-a e foi para o Rio de Janeiro. Lá, tornou-se moleiro e começou a mendigar e pedir esmolas. Às vezes, pedia esmola para a Imperatriz, que dava presentes bons e, prometeu a ele que poderia voltar para Mecklenburg²⁶. Outro exemplo, Simon Heinrich Geertz, marceneiro, foi para o Rio de Janeiro trabalhar com um português que fabricava cadeiras. Ele bebia demais, trabalhava até conseguir um pouco de dinheiro e depois ficava semanas em bares. Pedia pernoites na cadeia onde trabalhava um dos depoentes dessa documentação, gostaria muito de voltar para Alemanha²⁷. Johann Volkmann era um homem jovem, muito vivaz. Em um dos batalhões de granadeiros esteve empregado como sargento e tinha esperança de receber uma contratação da Imperatriz para ter uma colônia, pois não tinha muito gosto pelo atual emprego. Ele confessou estar bastante feliz com o futuro, mas preferia estar na Alemanha²⁸.

No tocante ao universo feminino, as mulheres não são nominadas. Na documentação consta somente, por exemplo “Phillip von der Decken²⁹ veio com sua esposa e dois filhos”. Analisando as informações da documentação, são recorrentes os casos de separações entre casais, especialmente entre aqueles que permaneceram no Rio de Janeiro. Muitas delas, devem-se, ao fato de que os soldados perdiam-se facilmente no vício da bebida.

²⁶ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 11.

²⁷ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 15.

²⁸ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 18.

²⁹ O casal von Decken seguiu para o Rio Grande do Sul como colonos. Conforme consta na documentação, Philipp tinha 53 anos de idade e sua esposa Maria tinha 40 anos, quando chegaram no Brasil. Já seu filho, Georg tinha 6 anos de idade e sua filha Maria tinha 9 anos. Encontramos no primeiro Livro de Registros de Casamento (1824 – 1844) o registro de casamento de sua filha Maria Sophia. “Noivo: viúvo Johann Carl Richter, de Wismar, 28 anos, evangélico. Filho legítimo de Johann Carl Richter e Maria Dorothea, nasc. Orth. Noiva: a senhorita Maria Sophia von der Decken, de Dassow, em Mecklenburg, 17 anos, evangélica. Filha legítima de Philipp von der Decker e Maria ... (nada consta). Casados a 26 de julho.” Livro 1 – Casamentos (1824 – 1844) nº 23. In: CD-Rom. *Livro de Registros da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil (Século XIX)*. 2ª Edição Revista e ampliada. Traduzido e Editado por Martin Norberto Dreher. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

Nesse sentido, infelizmente, são vários os casos nos quais as mulheres tornaram-se prostitutas ou (felizmente) constituíram novas famílias. De acordo com a primeira condição, cabe citar como exemplo o que aconteceu com Hans Schrader e sua esposa.

8. e 9. Hans Schrader está empregado no Batalhão de Caçadores, no Rio de Janeiro, sua esposa, contudo separou-se dele, por ordem do Sargento Major, por causa de sua devassidão e bebedeira, com o consentimento de seu marido. Mesmo assim ela permaneceu no Rio de Janeiro, onde convive com negros, mendigou nos mosteiros e, no mais andou como prostituta pelas ruas.³⁰

O relatório, resultante da inquirição dos ex-presidiários e ex-soldados do exército imperial brasileiro retornados a Mecklenburg é uma importante fonte documental que permite o estudo das relações internacionais e políticas entre estados alemães e o Brasil, além de trazer informações pertinentes para acompanhar a trajetória de alguns *outsiders* presentes na colônia alemã.

Conforme foi exposto ao longo do artigo, a documentação mostra-nos a dura realidade encontrada pelos imigrantes, pois as dificuldades e o abandono contribuíram para que muitos *outsiders* se entregassem ao alcoolismo e ao vício. Muitos destes imigrantes não conseguiram cumprir a promessa que fizeram antes embarcar ao Conde von der Osten-Sacken de “tornar-se uma pessoa trabalhadora e honrada nas novas condições de vida (‘in den neuen Verhältnissen ein fleißiger moralisch-guter Mensch zu werden’)”³¹. O que era para ser uma “viagem ao paraíso” se transformou em “viagem ao inferno”, onde muitos *outsiders* pereceram miseravelmente.

Fonte pesquisada:

1 Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb). MLHA Schwerin. Kabinett I.

³⁰ NETb. MLHA. Schwerin. Kabinett I. p. 6. Originalmente na documentação consta: “8. und 9) Hans Schrader ist im Jäger Batallion zu Rio de Janeiro angestellt, dessen Frau aber hat sich auf Ordre des Sergeant Major wegen ihrer Linderlichkeit und Betrunkenheit von ihm mit Bewilligung ihred Mannes getrennt, jedoch ihren Aufenthalt in Rio de Janeiro behalten, wo sie sich mit den Negeren in Verbindung gesetzt, in den Klöstern gebettelt und sonst als eine Gassenhure unhergetrieben hat.”

³¹ CUNHA, Jorge Luiz da. O Rio Grande do Sul e a colonização alemã entre 1824 e 1830. In: QUEVEDO, Júlio (org). *Rio Grande do Sul: quatro séculos de história*. Porto Alegre: Martins Livreira, 1999, p. 214, citando a documentação.

Referências Bibliográficas:

- BÖSCHE, Eduardo Theodoro. *Quadros Alternados: impressões do Brasil de D. Pedro I*. Tradução de Vicente de Souza Queirós. São Paulo: Typ. Da Casa Garraux, 1929.
- CUNHA, Jorge Luiz da. *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation: eine Beitrag zur Geschichte der deutsch – brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914*. Santa Cruz do Sul: UNISC, Gráfica Léo Quatke, 1995.
- DREHER, Martin Norberto. A lenda dos imigrantes de Mecklenburg e a Colonização do Litoral Norte/RS. In: ELY, Nilza Huyler (org). *Arroio do Sal marcas do tempo*. IV Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte. Porto Alegre: EST, 2007.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Tradução e posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg. Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Província de São Pedro. 2ª edição. Verificada e ampliada. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- HUNSCHE, Carlos H. *O ano de 1826 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O quadriênio 1827-1830 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: G & W, 2004, Tomos I, II e III.
- LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1930)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993.
- OBERACKER JR., Carlos H. *Jorge Antônio von Schaeffer: criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.
- PELLANDA, Ernesto. *A colonização Germânica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.
- PERROT, Michlele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 4ª Edição. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est. Graf. S. Terezinha, 1934.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Vol. I e II.* Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHÄFER, Georg Anton von. *O Brasil como Império independente: analisado sob os aspectos históricos, mercantilístico e político.* Tradução, apresentação, notas e edição de Arthur Bl. Rambo. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

SCHMAL, Helmut. *Die Auswanderung aus Rheinhessen im 18. und 19. Jahrhundert unter besonderer Berücksichtigung von Ober-Flörsheim und Umgebung.* Mainz: Selbstverlag, 1993.

SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859.* São Leopoldo e Porto Alegre: EDIPUCRS e UNISINOS, 2003.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil.* Senado Federal, 2003.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização de São Leopoldo: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850* (Originalmente apresentada como tese). São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2000.

TRUDA, Francisco de Leonardo. *A Colonização Allemã no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.

VERBAND DEUTSCHER VEREINE. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul.* Tradução de Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil.* 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.